

preensivos acusam-nos então de ser exclusivistas por atribuirmos uma importância excessiva aos instintos sexuais: o homem possui outros interesses além dos sexuais! E' o que nós não esquecemos nem negamos um só instante. O nosso ponto de vista exclusivo é semelhante ao do químico que reduz tôdas as constituições químicas da matéria à força da atracção química. Não contesta por isso a gravidade, mas deixa ao físico o cuidado de a considerar.

No decorrer do trabalho terapêutico, temos que nos preocupar com a repartição da libido no doente, procuramos descobrir quais são as representações objectais a que a sua libido se fixou, e libertamo-la para a pôrmos à disposição do *eu*. Chegamos assim a traçar um quadro singular da repartição primitiva da libido no homem. Tivemos de admitir que no começo do desenvolvimento individual, tôda a libido (tôda a tendência erótica, tôda a faculdade amorosa) está fixada à própria pessoa e investe, como nós dizemos, o próprio *eu*. Só mais tarde é que a libido, apoiando-se na satisfação das grandes necessidades vitais, transborda do *eu* sobre os objectos exteriores, o que nos permite reconhecer os instintos libidinosos como tais, e distingui-los dos instintos do *eu*. A libido pode ser novamente destacada destes objectos e retirada para o *eu*.

Ao estado no qual o *eu* retém a libido chamamos *narcisismo*, recordando a lenda grega do jovem Narciso, apaixonado pela sua própria imagem reflectida na água.

Atribuimos assim ao indivíduo a faculdade de progredir indo do narcisismo para o amor objectal. Mas não cremos que a libido do *eu* jamais chegue a lançar-se tôda sobre os objectos. Fica sempre no *eu* uma certa quantidade de libido, persiste um certo grau de narcisismo, apesar-dum amor objectal muito desenvolvido. O *eu* é um grande reservatório fora do qual se expande a libido destinada aos objectos e para o qual ela volta de novo. A libido objectal era primitivamente libido do *eu*, e pode de novo retransformar-se em libido do *eu*. E' indispensável à plena saúde do indivíduo que a sua libido não perca a sua plena mobilidade. Para tornar sensível esta relação, pensemos numa ameba, cuja substância fluída e consistente emite pseudópodos, apêndices nos quais a substância viva se expande, mas que a todo o momento pode retrair, de tal

modo que a forma do pequeno núcleo protoplásmico se encontra restabelecido.

O que procurei descrever com o que precede é a teoria da libido nas nevroses, na qual se funda a nossa maneira de compreender a natureza destes estados mórbidos e a nossa intervenção terapêutica respectiva. Claro que consideramos estas proposições da teoria da libido como igualmente válidas para o comportamento normal. Falamos do narcisismo da criança e referimos ao narcisismo preponderante do homem primitivo a sua crença na onipotência dos seus pensamentos, e daí que êle se julgue capaz de, pela técnica da magia, influir sobre os acontecimentos do mundo exterior.

Terminado este preâmbulo, quereria expôr como é que o narcisismo, o amor-próprio da humanidade em geral, sofrem até hoje, pela investigação científica, três graves humilhações.

a) No início desta investigação, o homem pensou, primeiro, que a sua habitação, a terra, estava em repouso no centro do universo enquanto o sol, a lua e os planetas se moviam à volta desta em órbitas inculares. Acreditava assim ingenuamente nos sentidos, porque o homem não sente o movimento da terra, e por onde quer que possa livremente alongar a vista encontra-se no centro dum círculo que limita o mundo exterior. A posição central da terra era-lhe de resto uma garantia do papel predominante desta no universo e parecia em harmonia com a sua tendência a sentir-se o senhor deste mundo.

A ruína desta ilusão narcísica relaciona-se, para nós, com o nome e a obra de Nicolau Copérnico, no século xvi. Já muito antes dêle os pitagóricos tinham duvidado desta situação privilegiada da terra, e Aristarco de Samos, já desde o século iii antes de Cristo, declarava que a terra era mais pequena que o sol e que devia mover-se à roda dêste. Assim, mesmo a grande descoberta de Copérnico já tinha sido feita antes dêle. Mas quando se obteve o assentimento geral, o amor-próprio humano sofreu a sua primeira humilhação: a *cosmológica*.

b) No decurso da sua elevação cultural o homem elevou-se ao papel de senhor dos seus semelhantes de raça animal. Mas, não contente com este domínio, pôs-se a cavar um abismo entre êles e êle. Re-